

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Sexta Maior

Pequeno Auditório

21h00

M/6

15 dez
2023

Folia Nova
Nova Música Antiga sobre
Poesia Portuguesa dos
séculos XV e XVI
Sete Lágrimas

Sete Lágrimas © Denys Stetsenko

CCB

Folia Nova

Nova Música Antiga sobre Poesia Portuguesa dos séculos XV e XVI

Filipe Faria (n.1976) e Sérgio Peixoto (n.1974)

Nunca foy mal nenhum moor, sobre poema de **Bernardim Ribeiro**

(1482?-1552?)

Endechas a Bárbara escrava, sobre poema de **Luiz Vaz de Camões**

(c.1524-1579/1580)

Recercada octava, sobre tenore «La Folia» de **Diego Ortiz (c.1510-c.1576)**

Es tan grave mi tormento, sobre poema de **Pêro de Andrade Caminha**

(1520-1589)

Cativo sam de cativa, sobre poema de **D. Joam de Meneses (1460-1514)**

Ysabel y más María, sobre poema de **Autor Anónimo (séc. XVI)**

Recercada primera, sobre tenore «El passamezzo antiguo» de **Diego Ortiz**

Lagrimas de saudade, sobre poema de **Autor Anónimo (séc. XVI)**

Cantiga sua, partindo-se, sobre poema de **João Roiz de Castel-Branco**

(† após 1515)

Recercada segunda sobre tenore «El passamezzo moderno» de **Diego Ortiz**

Dicen que me case yo, sobre poema de **Gil Vicente (c.1465-c.1536)**

Amor loco, sobre poema de **Autor Anónimo (séc. XVI)**

Soñava, madre, que via, sobre poema de **Pêro de Andrade Caminha**

A partida que me aparta, sobre poema de **Autor Anónimo (séc. XVI)**

Sete Lágrimas

Direção artística

Filipe Faria

Sérgio Peixoto

Voz, percussão, bandurra descante, viola de mão de 4 ordens

Filipe Faria

Voz

Sérgio Peixoto

Douçaine [instrumento de sopro renascentista], flauta

Silke Gwendolyn Schulze

Viola de mão de 6 e 7 ordens, guitarra barroca, bandurra descante

Tiago Matias

Contrabaixo

João Hasselberg

Que razão teria a melodia?

Se por algum acaso cósmico o tempo se decantasse, se por algum ritual de necromancia se escutassem os pensamentos, se o tempo fosse um templo, se a fé fosse uma aia, se a eternidade fosse um instante e o destino simplesmente o que já foi, que falta nos fariam as palavras?

Se o amor fosse um lugar exacto, se todos os mundos estivessem separados pelo que os une, se a ausência fosse uma equação perfeita, se houvesse um sítio onde todas as possibilidades eram possíveis e todas as impossibilidades impossíveis, se a razão fosse todas as coisas que não se explicam, se os corpos não necessitassem de outros, as almas de outras, de que nos serviria a linguagem? Se o vazio fosse território e a queda ascendesse, se a matéria fosse um átomo, o universo, um astro, o caos, harmonia, as fracções, inteiras, as profecias, passado, o passado, presente, se o sentimentos não se sentissem, se os sentidos não fossem exercidos, se tudo o que é não fosse, a estrófe, poema, as fragilidades, pedra, as recordações, éter, as peregrinações, sedentárias, se todas as coisas complexas fossem linearidades, se todas as ilusões fossem concretas, os ciclos, ciclo, um segundo, éon, a inteligência o inteligível, se as dúvidas fossem certezas, o prematuro, definitivo, o mutável, imutável, o irreal, realidade, se todos os cintilares fossem um espectro obscuro, a melancolia, satisfeita, se as multitudes fossem um ponto, as imensidões, um beco, os instrumentos, silêncio, a partitura, letra morta, se o céu e o inferno fossem um paraíso conjugal, se o fim fosse o final, que razão teria a melodia?

Luís Pedro Cabral

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Nova Música Antiga

Filipe Faria e Sérgio Peixoto partiram de novo para o tempo, viajando pelo vasto território da língua, na sua métrica, ritmos e harmonias, como se levitassem entre-mundos, resgatando da poesia portuguesa dos séculos XV e XVI as palavras, para as reinventar em novos sons, novas melodias, trazendo-as para a contemporaneidade, em analepses de magia.

Os dois compositores escrevem os onze novos vilancicos que compõem *Folia Nova*, como estações cronográficas da intemporalidade, usando da «folia» – no *Auto da Sibila Cassandra*, de Gil Vicente (1465/1536), a folia, de origem portuguesa, é caracterizada como uma dança de pastores –, o seu tradicionalismo harmónico e rítmico, para um universo conceptual, diálogos de criatividade, novas linguagens.

O vilancico é uma das mais importantes expressões poéticas e musicais da Península Ibérica, muito popular e amplamente executado do século XV aos confins do século XVIII. Na sua forma primitiva era do profano. À bolina da sua popularidade, disseminou em sacro território, como uma heresia que lentamente se tornou hóspede da liturgia. O *consort* fundacional é acompanhado nesta viagem pela flautista alemã Silke Gwendolyn Schulze, Tiago Matias, que com os Sete Lágrimas já cruzou muitos meridianos, e João Hasselberg, no contrabaixo. Em absoluto debute instrumentário, a bandurra descante, um instrumento desenvolvido e reinterpretado por Filipe Faria, em parceria com o violeiro Orlando Trindade, a partir do instrumento popular (viola beiroa), tocado pelas mãos de Manuel Moreira (1891–1970), em Penha Garcia (Idanha-a-Nova). É como se o processo criativo se tornasse onnipotente, retomando a sua natureza seminal.

Luís Pedro Cabral

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Bernardim Ribeiro (1482?-1552?)

Nunca foy mal nenhum moor

Nunca foy mal nenhum moor
nem no ahy nos amores
lo caa lembrança do favor
no tempo desfavores.

Eu por minha maa ventura
nam aa já mal q nam visse,
mas nunca tanta tristura
me lembra quinda sentisse.

Fuy, & ssam grande amador,
& vayme bem mal damores,
& muytos vy de grão dor
mas estes ssuma das dores.

Nunca foy mal nenhum moor
nem no a hy nos amores,
caa lembrança do favor
no tempo dos desfavores.

Eu por minha maa ventura
nam aa já mal que nam visse,
mas nunca tanta tristura
me lembra quinda sentisse.

Fuy, & ssam grande amador,
& vayme bem mal damores,
& muytos vy de grão dor,
mas este ssuma das dores.

Luiz Vaz de Camões

(c.1524-1579/1580)

Endechas a Bárbara escrava

Aquela cativa
Que me tem cativo,
Porque nela vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que pera meus olhos
Fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
Nem no céu estrelas
Me parecem belas
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

U~a graça viva,
Que neles lhe mora,
Pera ser senhora
De quem é cativa.
Pretos os cabelos,
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a cor.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha;
Bem parece estranha,
Mas bárbara não.

Presença serena
Que a tormenta amansa;
Nela, enfim, descansa
Toda a minha pena.
Esta é a cativa
Que me tem cativo;
E. pois nela vivo,
É força que viva.

Pêro de Andrade Caminha
(1520-1589)

Es tan grave mi tormento

Es tan grave mi tormento,
Que si del quiero quexarme
Hallo qu'és mejor callarme
Por no dañar lo que siento.

No piensen qu'és esto mengua.
De queixas ni de razón,
Es mal que turba la lengua
Y enflaqueçe el corazón.

Llega a tanto este tormento
Qu'el remedio de quexarme.
Lo dexo por no dañarme
Ni dañar a lo que siento.

Aunque quexarme no quiero
No quedo de mí engañado,
Porqu'el dolor de que muero
Mejor se muestra callado.

Que tan grande sentimiento
No da lugar a quexarme,
Pues que no puedo igualarme
Con queixas a lo que siento.

D. Joam de Meneses (1460-1514)

Cativo sam de cativa

Cativo sam de cativa,
servo d'ũa servidor,
senhora de seu senhor:

Porque sua fermosura,
sua gracia gratis data,
o triste que tarde mata
é por mór desventura.
Que mais val a sepultura
de quem é seu servidor
qu'á vida de seu senhor.

Nam me dá cativeidade
nem vida pera viver
nem dita pera morrer,
e comprir sua vontade,
mas paixám sem piedade,
ũa dor sobr'outra dor,
que fez servo do senhor.

Assi moiro mans' e manso,
nunca leixo de penar
nem desejo mais descanso
que morrer por acabar.
Oh! que triste desejar,
para quem con tanta dor
se fez servo do senhor.

Autor Anónimo (séc. XVI)

Ysabel y mas Maria

Ysabel y mas Maria
ambas gozosas nos dan
una gran nueva
que era ya cumplida
la promesa d'aBraham.

Ysabel prophetizava
lo que la virgen traya
y lo que se deseava
que en sus entanhas venia
y con sobra dalegría
ambas gozosas nos dan
una gran nueva
que era ya cunplida
la promesa daBraham
nascio en belem]

la mujer de zacharia,
tanto se prophetizo
el infante se gozo
que en su vientre traya
y adoró al que venia
a quitarnos nuestro afan
o que gran nueva
pues es ya cumplida
la promessa daBraham

tanto se regozijava
con la virgen Isabel
quatodos manifestava
la ridemçion de Israhel
conosciendo ser aquel
que se prometio a abraham
o que gran nueva
oy nos es dado
para nuestro capitan

dizele mil bendiciones
bendita sois vos señora
todas las generaciones
os bendigan cada hora
pues sabemos que en vos mora
aquel gran dios daBraham
o que gran nueva
que oy nos es dado
para nuestro capitan

y para que el mundo vea
la promessa nos ser dada
dize la virgen sagrada
Magnificat anima mea
al señor que en mi se emplea
por cumplir con abraham
o que gran nueva
pues que es venido
para nuestro capitan

Autor Anónimo (séc. XVI)

Lagrimas de saudade

Lagrimas de saudade
vimde não vos detenhaes
pois tardando me mataes

Comto por ser atardada
pois que meu mal soes meu bem
meus males tenho em nada
quamdo tal descanso tem
não me conforte ninguem
em quamto me vos tardaes
pois tardamdo me mataes

Minha alma contente está,
que para os males cessarem,
quamdo as lagrimas tardarem
a morte não tardará,

Màs òh se viesse jà
pois vós lagrimas tardais
sem olhar que me matais,

Vede qual devo eu estar
ou que tal foi minha sorte
pois hei de esperar a morte
quando me choro tardar,
Olhos se com vos chorar
minhas fadigas curais
dizei porque não chorais.

João Roiz de Castel-Branco
(† após 1515)

Cantiga sua, Partindo-se

Senhora, partem tam tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.

Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Gil Vicente (c.1465–c.1536)

Dicen que me case yo

Dicen que me case yo:
no quiero marido, no.

Más quiero vivir segura
n'esta sierra a mi soltura,
que no estar en ventura
si casaré bien o no.

Dicen que me case yo:
no quiero marido, no.

Madre, no seré casada
por no ver vida cansada,
o quizá mal empleada
la gracia que Dios me dio.
Dicen que me case yo:
no quiero marido, no.

No será ni es nacido
tal para ser mi marido;
y pues que tengo sabido
que la flor ya me la só,
dicen que me case yo:
no quiero marido, no.

Autor Anónimo (séc. XVI)

Amor loco

Amor loco amor loco
io por vos
i vos por otro

Tamto os duele my pasiom
Siemdo de mi taõ querida
dais a otro el galardaõ
del trabaio de mi vida
locamemte la he perdida
Pues la pierdo como loco
por q(u)iem es loca por otro

ÿ ansi desta manera
sintiendo triste el engaño,
como loco sufro el daño
que el seso nó lo sufriera,
Burlesse de mi quien quiera
pues hago vida de loco
por quien ès loca por otro,

Tanto me agradeçeis
el mal que por vos padezco,
que el galardon que os merezco
a otro darlo quereis,
El agravio que me hazeis
ès tal que nó hare poco
si como vós no soy loco,

Perder yó por vós el seso
ès justo su perdimiento
mas vós perdelo por viento
no teneis desculpa en esso,
Con todo digo y confieso
que huelgo ser por vós loco
aun que sois loca por otro.

Pêro de Andrade Caminha

Soñava, madre, que via

Soñava, madre, que via
Alegre mi coraçon,
Mas los sueños, madre mia,
Madre mia, sueños son

Solamente em vano sueño
Mi bien se me representa,
Y aun el espacio es pequeño
Porque menos plazer sienta.
Entiendo la suerte mia:
Quiso doblar mi passion
Com esta vana alegria,
Mas los sueños, sueños son.

A mis tristezas y daños
que em tanto dolor me tienen,
Aun faltan estos engaños
Que a desengañarme vienen.
Queda d'èsta fantasia
Y vana imaginacion
Mas turbada el alma mia,
Mas triste mi coraçon!

Autor Anónimo (séc. XVI)

A partida que me aparta

A partida que me aparta,
de quem me sostem a vida,
morte he que não partida.

O mal de meu pensamento,
eu hos paso eu os semto
mas eu triste que farey
a hum taõ grave tromemto
faço castelos de vento
pera sostemtar a vida
morte he que não partida

Naõ he nada ha partida
se fose com esperamça
mas numca se fez mudança
Sem maior pena sentir
naõ posso deixar de mir
aimda que me custe a vida
morte he que não partida

Vida tão triste e tal
como hê a que padeço
o fim della hê começo
de bem que não tem igual
Poia a morte só me val
para remedio da vida
jà a quisera perdida,

Hè tamanho o sentimento
que tenho de me apartar
que me acreçenta o pesar
e me dobra meu tormento,
Morrer senhora não sento
mas folgo perder a vida
pois que vai tambem perdida.



Sete Lágrimas

Fundado, em 1999, por Filipe Faria e Sérgio Peixoto, Sete Lágrimas é um dos mais relevantes projetos europeus na área da Música Antiga. Com 24 anos de atividade, desenvolve uma extensa atividade editorial de 15 títulos e uma intensa carreira nos mais destacados festivais, salas e centros culturais de 13 de países da Europa e da Ásia: Portugal, Bulgária, Itália, Malta, Espanha, China, Suécia, França, Bélgica, Noruega, Luxemburgo, Alemanha e República Checa. Dedicados aos diálogos da Música Antiga com a contemporaneidade, os Sete Lágrimas juntam músicos de diferentes horizontes em torno de projetos conceptuais, animados por investigações musicológicas ou por processos de inovação e criação em torno dos sons, instrumentário e memórias da Música Antiga. Na sua fundação lançou os alicerces para a relação – inédita à data – da Música Antiga com a contemporaneidade, com a encomenda, para a sua estética e instrumentário, de novas obras a compositores contemporâneos como Ivan Moody, Andrew Smith ou João Madureira.

A par de projetos como a trilogia *Les Explorateurs* – encomenda da Philharmonie Luxembourg, inspirada no universo criativo do *consort*, com uma equipa internacional liderada pelo encenador Benjamin Prins, apresentada entre 2018-2022 em 54 réцитas – ou do projeto *Se chovesse um oceano* (2020/21), de Filipe Faria e Wiinie Dias (Brasil) – projeto de dança, música, fotografia e *performance* filmado em Berlim, Hamburgo, Düsseldorf, Wuppertal, Zurique e Idanha-a-Velha, com os bailarinos Futaba Ishizaki e Fuyumi Hamashima (Japão), Naomi Brito, Rafaela Bosi e Rafaelle Queiroz (Brasil), Isabella Heylmann e Hayley Page (Austrália) e Borja Bermudez (Espanha) –, a dupla de compositores Faria e Peixoto inauguram, em 2006, um caminho inédito e inovador no panorama da composição musical contemporânea que intitulam de Nova Música Antiga. O *consort* Sete Lágrimas conta com o apoio do Ministério da Cultura e da DGArtes, desde 2003, e do Município de Idanha-a-Nova – UNESCO Creative City of Music, desde 2012.



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES



JÁ A SEGUIR
SEXTA MAIOR
12 JANEIRO 2024

***A Bela Moleira* de Schubert** **Ian Bostridge e Luís Duarte**

À data da sua morte prematura aos 31 anos, em 1828, Franz Schubert havia já produzido um legado de cerca de 600 *Lieder* – género do romantismo alemão que une, intrinsecamente, poesia e música. *A Bela Moleira*, o primeiro grande ciclo do compositor austríaco, reúne poesia de Wilhelm Müller (poeta, filologista e historiador) e proporciona uma viagem bucólica que oscila entre um otimismo naïve e a angústia e o desespero perante um amor não correspondido.

Sexta-feira, 21h00
Pequeno Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

